Telejornalismo e saúde: abordagens do câncer nos noticiários da televisão brasileira[1]

Allan GOUVÊA[2]
Iluska COUTINHO[3]
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO
O presente trabalho é uma proposta de análise acerca do fazer jornalístico sobre as relações que envolvem a comunicação para a saúde, no âmbito do telejornalismo brasileiro, na abordagem do câncer pelos noticiários. A pesquisa empírica teve como parâmetros as fundamentações teóricas do telejornalismo na contemporaneidade e da comunicação para a saúde, enquanto estratégia de promoção e de educação para a qualidade de vida e o desenvolvimento. O estudo contemplou as matérias veiculadas em três programas da Rede Globo, durante os meses de dezembro de 2012 e janeiro de 2013, a partir da análise de conteúdo, com critérios quantitativos e qualitativos. Foram analisados criticamente os elementos de construção da narrativa jornalística e suas estratégias estruturais, com o intuito de apresentar um panorama em torno da forma e do sentido das abordagens de telejornalismo e saúde.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; telejornalismo; saúde; câncer.

1 INTRODUÇÃO - PELA PROMOÇÃO DA SAÚDE

Há quase 70 anos, a Constituição da Organização Mundial da Sáude (OMS/WHO) já entendia que o esclarecimento da população acerca das informações sobre saúde tinha uma importância capital para o desenvolvimento humano nos diferentes povos do planeta.

Para atingir esse objetivo hoje, os diversos meios de comunicação exerceriam um papel fundamental, tendo em vista o seu alcance diante das massas e o seu poder de mediar as relações sociais, de modo a informar e orientar o público. Nesse contexto, a prática social do Jornalismo passaria a se constituir como uma das principais formas de comunicação, capaz de influenciar a opinião pública e construir a realidade social, a partir das rotinas produtivas dos profissionais e da cultura de credibilidade que se estabeleceu para a atividade.

---

[1] Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Jornalista diplomado, mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCom-UFJF), com bolsa Capes, e integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Imagem e Representação da UFJF, e-mail: allangouvea@yahoo.com.br.

[3] Jornalista diplomada, doutora em Comunicação, professora do Curso de Jornalismo da Facom-UFJF e do PPGCom-UFJF, e líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Imagem e Representação da UFJF, email: iluskac@uol.com.br.

A proposta deste trabalho é investigar a relação existente entre jornalismo e saúde, visto que a temática ainda se encontra pouco explorada no campo das ciências da comunicação. Pretende-se auxiliar no processo de preenchimento dessa lacuna para que se possa compreender a realidade social contemporânea, apontando sucessos e falhas.

Diante da relevância do jornalismo nessa perspectiva, escolhemos, dentre os vários suportes disponíveis, a televisão, por ser a mídia mais popular, a mais consumida e por estar presente mais ostensivamente no cotidiano da população brasileira. É notório, nesse e em outros meios, o crescimento de produtos noticiosos que recorrem a uma interface com a saúde, por razões de interesse humano, público e, principalmente, do público, uma vez que as notícias também são consideradas como mercadorias.

Bernardo Kuscinscky (2002) comenta essa tendência jornalística, por conta da conjuntura neoliberal, e também justifica a importância da avaliação desses conteúdos informativos:

> a notícia, como produto de mercado, ganha contornos mais graves quando se trata da saúde porque, também neste campo, há uma crescente mercantilização com a predominância de reportagens sobre o corpo, a beleza e os problemas de saúde que afetam as pessoas. Essas notícias vendem muito mais do que outras notícias de saúde e, por isso, são consideradas estratégicas no campo da comunicação. (KUSCINSCKY, 2002, p. 1)

Essa estratégia mercantilista está refletida na forma de apresentação dos produtos, na narrativa que é empregada e na criação de programas televisivos exclusivos para a abordagem no tema, a exemplo do matutino diário *Bem-estar*, da Rede Globo, e do *Bem viver*, da TV Integração (afiliada Rede Globo, em Minas Gerais).

A observação dos produtos jornalísticos teve como pressupostos os matizes da notícia[4] na atualidade, marcada pela "objetividade como ritual estratégico" (TUCHMAN, 1993) e pela dramaturgia e espetacularização, intensificadas nos meios de comunicação de massa. Nessa concepção, está imbuída a noção de representação da realidade, pela valorização das aparências, que começa pela própria aparência que a realidade assume para o jornalista. Dessa forma, a observação das narrativas jornalísticas prevê o encontro de metáforas, exemplos, frases feitas e imagens, isto é, símbolos de condensação (MANOFF, 1986 apud TRAQUINA, 1993, p. 169).

Em pleno uso de seus *newsjudgement*[5], os jornalistas são vistos como contadores de histórias do cotidiano, concentrando-se, habitualmente, no desvio, no insólito e no

[4] "As notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado (...) [o que é] noticiável." (TRAQUINA, 1993, p. 169)

[5] Em síntese, e segundo John Soloski (1993), *newsjudgement* são o conjunto de fatores utilizados pelos jornalistas para selecionar as fontes e determinar as estruturas das matérias, além daquilo que consiste em valor-notícia.

estranho, defendendo implicitamente os valores que estão legitimados pela sociedade. "Como as fábulas, as 'estórias' noticiosas contêm uma moral oculta" (SOLOSKI, 1993, p. 97). Ao lidar com a dor, o sofrimento e os dramas da realidade, a comunicação noticiosa de saúde pode estar sujeita aos excessos, pois

> quanto mais dramática for a notícia, mais é necessário acrescentar ao drama. Isto pode levar a importantes distorções. Quanto mais drama existir, mais os meios de comunicação social terão de exagerar para captar novo interesse, o que leva à hipótese de que há mais exagero quanto mais dramático é o acontecimento. (RUGE, GALTUNG, 1993, p. 65)

Partindo dessas noções iniciais acerca do fazer jornalístico e das estratégias para a comunicação e saúde, o presente trabalho contempla a análise da cobertura de saúde em três telejornais globais, com perfis diferentes, a fim de estabelecer parâmetros comparativos. A título de amostra para esse universo, utilizamos as matérias que abordam o **câncer** nos noticiários, uma doença relativamente comum no país e que, por isso, apresenta hipoteticamente uma representação recorrente na televisão. Os três produtos selecionados – *Jornal Nacional*, *Fantástico* e *Bem-estar* – são programas da grade de programação da maior emissora de televisão do Brasil, que possui altos índices de audiência. Pretendeu-se, assim, avaliar as nuances da angulação do câncer dentro de uma mesma emissora, tendo como referência a concepção de que essa abordagem pode repercutir de maneira efetiva na vida dos brasileiros, através da informação que é veiculada e dos sentidos e significados que são transmitidos em concomitância.

Sobre a relevância do tema, vale registrar que são esperados, para 2013, mais de 520 mil novos casos de câncer no Brasil, sendo que, em 2010, foram contabilizadas mais de 170 mil mortes por neoplasias malignas no país. Os números do Instituto Nacional do Câncer (INCA)[6] indicam a efetiva presença (direta ou indireta) da doença na vida dos brasileiros. Ainda segundo o Instituto, a falta de esclarecimento e de informação são elementos que aumentam a incidência da enfermidade, sobretudo nos países subdesenvolvidos.

> Originária da palavra grega *kakinos*, cujo significado é *caranguejo*, o câncer, do ponto de vista biomédico, caracteriza-se como um tumor, nódulo, melanoma, linfoma, carcinoma. Na realidade, "quando se fala [em] câncer, faz-se referência a um conjunto de mais de cem tipos de doenças que acometem praticamente toda a economia corporal". A célula cancerosa, em tese, é parte do próprio corpo – uma parte que resolveu se rebelar, se multiplicar de modo descontrolado, dando origem a um tecido "constituído por células autônomas com habilidades bem diferentes das que o antecederam". Numa linguagem simplificada, pode-se dizer que as células normais se tornam *más* ao sofrerem mutações em seu DNA. (FERNANDES JR., 2010 apud CARVALHO, 2012, p. 51, grifos dos autores)

Partindo da noção de que a informação qualificada nesse setor pode contribuir com a conscientização para a promoção da saúde, a pesquisa que ofereceu suporte ao trabalho

[6] Disponível em <http://www1.inca.gov.br/wcm/dmdc/2013/objetivos-indicadores.asp> Acesso em 17 mar. 2013.

configurou-se como um observatório da mídia, no qual os produtos jornalísticos foram analisados de maneira crítica, qualitativa e, em algum aspecto, quantitativamente. Por meio da análise crítica midiática, examinaram-se os processos da informação, nos sentidos de produção, construção e apresentação nos noticiários televisivos; a partir das narrativas e dos recursos empregados, com a forma e o sentido materializados nas experiências jornalísticas.

Como expectativa, a comunicação para a saúde pública seria

> uma forma de a mídia usar sua força de divulgação de assuntos de saúde com abrangência e interesse publico, impactando positivamente a saúde da população. A mídia exerceria uma pedagogia ao repetir narrativas e imagens que instituem juízos e modos de reagir diante de dilemas morais gerados pela sociedade contemporânea. Profissionais do jornalismo, queiram ou não, desempenham o papel de educadores. Além disso, podem influenciar na eventual adoção pública de medidas supostamente protetoras, sem garantias de eficácia. (PESSONI, 2010, p. 297)

Considerou-se como hipótese preliminar que essa expectativa não seria satisfeita, o que reforçaria a relevância e engajamento de uma investigação científica acerca desse assunto, da mesma maneira que se espera da atividade jornalística. Há também relações com a busca, um tanto utópica, da OMS (1946) de se conceber a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, [qu]e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade”.

2 COMUNICAÇÃO PARA A SAÚDE: CAMINHOS CONVERGENTES?

A relação existente entre a Comunicação e a Saúde pode parecer, à primeira vista, bem distante, se levarmos em conta suas características teóricas e práticas. No entanto, a emergência contemporânea pela busca de uma proximidade maior entre as duas áreas estaria associada ao direito do cidadão de ter acesso à informação e à saúde. Informação que pode permitir o bem-estar social, a partir de ferramentas e estratégias comunicacionais, que podem assegurar esse direito e benefício.

A partir dessas premissas, é inteligível a ideia de *comunicação para a saúde*, na medida em que a primeira seria um "instrumento", ou melhor, um "meio" (palavra cara ao campo comunicacional) para a segunda, por meio de estratégias de ambas as partes, com vistas ao desenvolvimento civilizatório. Falar de saúde na atualidade não parece apenas uma demanda social, mas uma tendência que vai se consolidando efetivamente no cenário nacional, por mobilizar questões de interesse público, que vão desde uma simples dúvida sobre determinada doença até uma denúncia em relação ao serviço público de saúde.

Ainda que esses conceitos venham revestidos de promessas e de visões de mundo particulares, percebe-se que a finalidade midiática talvez não seja apenas o bem comum, mas mais um produto da lógica comercial; já que o grande espaço da comunicação pertence aos conglomerados empresariais, que buscam a audiência para chegar ao lucro. Isso se faz

através de campanhas publicitárias, de filmes, produtos cibernéticos e nos conteúdos audiovisuais, em especial a televisão e o telejornalismo – este último, nosso objeto de estudo. Daí resulta a importância da avaliação dessa relação que se está construindo entre comunicação e saúde, que, em síntese, se constitui

> no esforço em pensar e propor encaminhamentos e reflexões inovadores, marcados pela presença da doença, capital e tecnologia. A comunicação exige o enfrentamento de linguagens verbais e não verbais de produção de sentido [...]. Trata-se de elemento estratégico para a gestão social da saúde e qualidade de vida (MORAES, 2007, p. 65).

No caso brasileiro, a publicização de informações em saúde tem relevância ainda maior pela diversidade sociocultural característica do país, com fortes disparidades econômicas e de hábitos e costumes, além de um índice educacional/de escolaridade muito inferior, se comparado com o de outras nações mais desenvolvidas. A imprensa assume, dessa forma, um papel estratégico de referência para a população brasileira. Por essas razões, a pesquisadora Simone Bortoliero (2008) elabora uma série de recomendações para os profissionais da comunicação, a partir de perspectivas sociológicas e antropológicas, para que suas rotinas produtivas se tornem mais reflexivas no âmbito da comunicação e saúde.

> Os modelos de saúde em plena atividade no Brasil devem ser conhecidos pelos profissionais de comunicação, gerando uma reflexão de que não é mais possível falar apenas sobre prevenção [...], pois existe uma convivência de doenças típicas da pobreza e da riqueza nos diferentes "Brasis". [Além disso,] a divulgação de informações no campo da saúde coloca para o jornalismo brasileiro inúmeras responsabilidades que vão além das denúncias diárias. No momento atual, algumas dessas responsabilidades estão diretamente associadas à ética profissional, ao exercício da cidadania e ao papel desempenhado pelas escolas de comunicação na formação acadêmica desse profissional. Para divulgar a temática da saúde, é necessário, além do bom senso e do conhecimento sobre direitos humanos, continuarmos o resgate das boas experiências refletidas na partilha dos saberes profissionais, principalmente nos espaços democráticos de trabalho. (BORTOLIERO, 2008, p. 15)

Também com essa perspectiva, outra pesquisadora da área, que inclusive se dedicou à análise da relação multiprofissional de saúde com pacientes do câncer, corrobora a noção de que os veículos de comunicação possuem uma função importante nessa conjuntura, influenciando na realidade de inúmeros habitantes, incluindo os que vivem nos lugares mais recônditos desse país.

> A informação, sem dúvida, é fundamental não apenas para desmistificar o tema, mas para conscientizar e esclarecer a população sobre as formas de prevenir e combater a doença. Conhecer os fatores de risco, os meios de prevenção, poder acompanhar a evolução do câncer (estadiamento) e saber, a partir do diagnóstico, quais os diferentes tipos de tratamento, são questões extremamente importantes. Quanto mais esse tema for socializado, menor será o estigma gerado pela falta de conhecimento. (idem, p. 62-63)

Além da função pedagógica atribuída aos meios de comunicação, eles teriam ainda um papel de reconstrução de sentidos para a população. Um exemplo prático seria a noção de que o câncer é notadamente visto como uma doença severa, sendo muitas vezes a causa *mortis* de uma parcela considerável da população. Essa mesma pesquisadora afirma que, há

algum tempo atrás e ainda hoje, algumas pessoas têm medo ou não gostam de falar que tiveram câncer, colocando a doença como símbolo de dor, sofrimento, mutilação.

Os veículos de comunicação podem, portanto, além de oferecer a informação para que as pessoas vivam bem e se previnam das doenças, facultar a possibilidade de se quebrar tabus, preconceitos e paradigmas sobre os significados, as simbologias e os códigos sociais que são estabelecidos no imaginário coletivo em relação a determinados males físicos.

Isaac Epstein (2001) estabelece alguns parâmetros para o entendimento da importância da qualidade da informação que é passada ao público, que pode prestar um (des)serviço à população; levando-se em conta fatores econômicos, sociais e culturais incutidos na saúde enquanto uma questão política, por seu caráter público e por envolver relações de poder.

> As informações adequadas ao paciente, até a sua própria alfabetização revelam-se não como atributos periféricos ao sistema, mas como insumos indispensáveis, qualificando as terapias, os medicamentos e demais instrumentos da parafernália médica. Uma informação adequada, cognitiva e emocional reduz de uma maneira sensível os custos da prevenção e tratamento das enfermidades. (EPSTEIN, 2001, p. 162)

O autor afirma adiante, no entanto, que os instrumentos utilizados pela comunicação para a saúde não serão uma "panaceia para todos os o problemas que nos afligem, mas certamente pode se constituir um valioso implemento auxiliar" (idem, p. 163).

4 A SAÚDE EM FOCO: ESTUDO ANALÍTICO DOS TELEJORNAIS

Para estabelecer a análise dos produtos noticiosos televisivos, a pesquisa foi iniciada pela busca de matérias que abordassem, de maneira mais direta e incisiva, a cobertura do câncer no telejornalismo. Dessa forma, foram escolhidos três produtos jornalísticos da emissora de maior audiência do país – Rede Globo –, quais sejam: *Jornal Nacional*, *Fantástico* e *Bem-estar*[7]; objetivando a análise daqueles que atingem a população mais efetivamente e causam maior repercussão. Além disso, por se tratarem de propostas distintas de noticiário em televisão[8], será possível, *a posteriori*, obter parâmetros comparativos de angulação de reportagens sobre saúde dentro de um mesmo veículo de comunicação.

Decidiu-se, em princípio, por uma pesquisa exploratória nos sítios eletrônicos dos programas, coletando publicações datadas de dezembro de 2012 até metade de janeiro de 2013 – período escolhido com a finalidade de manter o caráter de atualidade do projeto. A pesquisa exploratória consistiu basicamente na utilização do sistema de busca dos portais,

[7] http://g1.globo.com/jornal-nacional/; http://g1.globo.com/fantastico/; e http://g1.globo.com/bemestar/ Acesso em 07 fev. 2013

[8] Para efeito de análise, adotaremos os seguintes códigos como elementos de referência: Jornal Nacional (JN), Fantástico (FT) e Bem-estar (BE).

procurando o verbete "câncer", para que todo o conteúdo disponibilizado naquele período, que fizesse referência a "câncer", pudesse passar pelos "filtros" de análise. Dessa pesquisa inicial, verificou-se a existência de 50 links de notícias que poderiam atender à demanda de estudo. Desses, 24 apresentavam conteúdos audiovisuais publicados no período supracitado.

A queda no número se deu em virtude de diversos fatores, tais como inexistência vídeos, ou seja, link para uma matéria de web; publicação original realizada antes do período do recorte empírico[9]; o vídeo encontrado, muitas vezes, se tratava apenas de uma chamada que vai ao ar nos intervalos comerciais ou dentro de outros programas; e, ainda, por haver publicações que apareciam repetidamente no serviço de busca.

Todas as 50 matérias passaram por uma análise prévia, visando à seleção conforme o critério de referência ao câncer e, ainda, que fossem reportagens, matérias ou notícias audiovisuais veiculadas ao fim de 2012 e início de 2013. Dessa primeira seleção, restaram 24 produtos noticiosos, que foram classificados em função da sua "abordagem". Levou-se em conta o objetivo principal da matéria e, com isso, identificar aquelas que, de fato, fossem de informação em saúde com enfoque principal para a cobertura do câncer. Daí, detectamos nove produtos correspondentes ao tema delimitado. Todas as demais foram classificadas como pertencentes a outras categorias de assunto/editoria.

Após a seleção das matérias que serviriam de escopo para o presente trabalho, prosseguimos aos apontamentos de cada produto noticioso, de maneira comparativa e qualitativa. A análise, em princípio, contempla a utilização de informações sobre saúde, seu caráter científico, seus suportes técnicos (ou especializados); a construção da narrativa audiovisual, observando a linguagem empregada, os recursos apresentados e demais elementos que compõem a reportagem (como personagens, sons e imagens); o trabalho jornalístico, de um modo geral, partindo de suas premissas básicas até a observação de critérios éticos e de rotinas produtivas. Realizou-se ainda, uma pesquisa de natureza quantitativa, com vistas a aferir o espaço telejornalístico dedicado à editoria de saúde e a disponibilizar dados e índices acerca do assunto.

A análise das nove matérias escolhidas para a amostra deste trabalho contemplou mais de trinta e seis minutos de conteúdos audiovisuais disponibilizados na internet, em reprodução ao que foi veiculado na televisão. Todas elas apresentam, como já dissemos, dimensões diretas de abordagem em saúde, ainda que envolvidas ou "linkadas" com matérias de outras editorias; como na reportagem do afastamento do técnico do Barcelona (matéria 3, *vide tabela 1*), que trabalha com informações de esporte, e na de Reynaldo

[9] As matérias apareceram na busca em decorrência de atualizações realizadas no texto ao longo do período selecionado.

Gianecchini (matéria 6), cuja entrevista tem o objetivo de falar, em princípio, da publicação de sua biografia em livro.

TABELA 1: SÚMULA DAS MATÉRIAS ANALISADAS

	Programa	Veiculação	Título/chamada	Tempo
1.	Jornal Nacional	10/12/2012	"Americanos anunciam sucesso de tratamento de leucemia em criança"	2' 10''
2.	Jornal Nacional	18/12/2012	"Fotos enviadas por e-mail ajudam médicos a dar diagnóstico de câncer"	2'05''
3.	Jornal Nacional	19/12/2012	"Câncer raro afasta técnico do Barcelona"	1'53''
4.	Jornal Nacional	03/01/2013	"Diagnóstico de câncer em fase inicial aumenta chance de cura, diz pesquisa"	2'23''
5.	Jornal Nacional	08/01/2013	"Estudo mostra aumento de cânceres ligados ao vírus HPV nos EUA"	2'38''
6.	Fantástico	02/12/2012	"'A Cláudia chegava e as minhas funções melhoravam', diz Gianecchini"	5'37''
7.	Fantástico	23/12/2012	"Menina é curada de leucemia em tratamento que usa vírus da Aids"	5'25''
8.	Fantástico	16/12/2012	"Jovem com câncer realiza sonho e joga videogame com Ronaldo"	9'42'' (1'25'')
9.	Bem-estar	10/12/2012	"Telespectadora aprende sintomas e descobre câncer de intestino"	4'29''
			Tempo total →	**36'22'' (28'12'')**

A partir dessas dimensões, estabelecemos que a *reportagem de saúde associada ao câncer* é composta por três subcategorias, que – observamos – está quase sempre atrelada a *conhecimentos estritos de saúde*, do ponto de vista médico, abordando questões que envolvem as doenças e o serviço público do setor; de *ciência*, no que tange as descobertas e as pesquisas de natureza científica; e à *dramatização*, quase sempre marcada pela narração das histórias dos personagens colocados em cena. Embora uma categorização pressuponha uma espécie de divisão, esses aspectos estão inter-relacionados entre si e com outros tipos de elementos noticiosos, como afirmamos no parágrafo anterior. Assim sendo, trabalharemos com critérios de predominância, ou seja, qual categoria está melhor e mais delineada no contexto informativo.

O VT número 8 apresenta uma especificidade, pois o conteúdo relativo ao câncer está inserido num quadro do programa televisivo (Fantástico). O quadro, denominado "Medida certa" é protagonizado pelo ex-jogador de futebol, Ronaldo, que realiza o sonho de um menino de jogar videogame com ele. Esse menino é portador de um câncer na perna que o impossibilita de praticar o esporte preferido. Essa parte do quadro dura apenas um minuto e vinte e cinco segundos; logo, esse será o período de análise do recorte midiático.

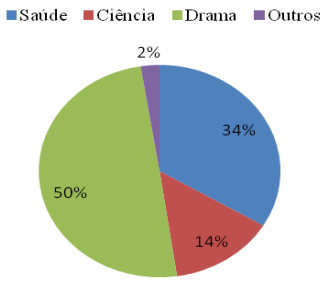
Com o objetivo de confirmar a observação da predominância das subcategorias, a partir dos parâmetros descritos, apresentamos a tabela a seguir que contabiliza o tempo dedicado a cada categoria nas nove matérias.

TABELA 2: TEMPO DE CADA SUBCATEGORIA

VT n.	Total	Saúde		Ciência		Drama		Outros	
		Tempo	%	Tempo	%	Tempo	%	Tempo	%
1. JN	2' 10''	11''	8,46	1'15''	57,7	44''	33,85	-	-
2. JN	2'05''	1'41''	80,8	-	-	24''	19,2	-	-
3. JN	1'53''	21''	18,6	-	-	1'01''	54	31''	27,4
4. JN	2'23''	1'	41,9	59''	41,2	24''	16,8	-	-
5. JN	2'38''	2'02''	77,2	36''	22,8	-	-	-	-
6. FT	5'37''	3''	0,9	-	-	5'34''	99,1	-	-
7. FT	5'25''	1'17''	23,7	1'08''	20,9	3'	55,4	-	-
8. FT	9'42'' (1'25'')	7''	8,2	-	-	1'18''	91,8	8'17''*	-
9. BE	4'29''	2'44''	61	-	-	1'34''	35	11''	4
	36'22'' (28'12'')	**9'06''**	**33,6**	**3'58''**	**14,1**	**13'59''**	**49,8**	**42''**	**2,5**

* Tempo referente ao quadro "Medida certa", cuja análise foi preterida por não atender ao objetivo do projeto.

GRÁFICO 1: ESPAÇO DE CADA SUBCATEGORIA



A tabela e o gráfico revelam a larga predominância (49,8% de todo o espaço telejornalístico analisado) do conteúdo considerado como "dramático", ou seja, trata-se daquela dimensão característica do telejornalismo de retratar os seus personagens, colocá-los em cena, apresentando detalhes de suas histórias que despertam o interesse humano. Essa narração dramatizada é enaltecida pelos recursos discursivos, a exemplo da recorrência dos termos "luta", "superação", "herói"; relacionando, ainda que de forma indireta, com a dor e o sofrimento do outro, ocasionados pela presença do câncer. Outros elementos de dramatização estão representados no uso do BG[10], encarregado por garantir a emoção/sensação, e ainda nos efeitos narrativos.

Em seguida, a informação de saúde, explicação das doenças, de seus sintomas, tratamento, depoimentos de especialistas, parece vir em plano secundário, como "pano de fundo" das histórias narradas; muito embora os conteúdos estejam dispostos da editoria de saúde. A falta de aprofundamento está diretamente relacionada com essa observação. Percebe-se, por conseguinte, que as reportagens de saúde nem sempre representam um espaço de acesso à informação, que pode esclarecer, ensinar e tornar públicas as questões que envolvem a grande área da saúde, e que precisam ser democratizadas.

Já o conteúdo de natureza científica serve, muitas vezes, para respaldar determinadas informações ou ser o gancho noticioso para a cobertura de saúde, com um

[10] Ou *background* é o termo utilizado para expressar a utilização de um som de fundo, com um volume mais baixo do que o do repórter e/ou fonte.

papel de divulgação mais efetivo do que propriamente jornalístico, apesar do tratamento ser tido como tal. No entanto, saúde e ciência são campos indissociáveis na medida em que o segundo é o responsável por manter o primeiro, no sentido de oferecer os subsídios (teóricos, práticos e metodológicos) para a práxis cotidiana dos profissionais de saúde.

Observou-se, ao longo da análise da construção textual dos jornalistas, na montagem das peças televisuais, ao intercalar narração e depoimentos, que o discurso da cobertura do câncer no telejornalismo brasileiro adota, recorrentemente, um tom de esperança, sobretudo quando da divulgação de notícias de novas técnicas de tratamento e diagnóstico. O "discurso da esperança" aparece, implicitamente, nas histórias de superação, na frequente afirmação de que o diagnóstico precoce aumenta as chances de cura, na recomendação de hábitos saudáveis e de prevenção etc. O maior exemplo dessa observação está refletido nas reportagens 1 e 7, que retratam o caso da menina norte-americana que foi curada da leucemia com uma técnica experimental. Entretanto, no VT 7, a apresentadora do programa (Fantástico) registra veementemente, por meio de uma nota pé, a desconstrução desse discurso esperançoso; possivelmente, porque os próprios profissionais tenham percebido esse fato. A jornalista é enfática ao dizer que a técnica **experimental** precisa de aperfeiçoamentos e que as pesquisas estão apenas no começo. Remontando as discussões de ciência e jornalismo, percebe-se aqui, uma questão interessante, já que o jornalismo está trabalhando com o que é palpável no momento, com as materialidades do passado e do presente, apesar de, esporadicamente, em outras circunstâncias, projetar e prenunciar determinadas situações. Ao contrário da ciência, que lida com o futuro, com práticas que objetivam resultados no amanhã.

As notícias televisivas sobre saúde, além disso, quase sempre vêm acompanhadas de recursos gráficos (*vide tabela 3*), com a intenção de explicar o funcionamento e a localização de determinados órgãos, ou para ilustrar um procedimento técnico da Medicina; mas todos eles sugerem a ideia de recurso didático, isto é, a configuração de um elemento de arte produzido especialmente para dar conta de ensinar ou elucidar o público sobre determinado assunto que provavelmente não domina.

Os atores sociais desse tipo de matéria são comumente pacientes e seus familiares e amigos, pessoas comuns ou famosas; especialistas, médicos ou cientistas; e, por vezes, o próprio repórter/apresentador, dependendo do seu grau de participação/interferência no produto noticioso. Cada uma no seu papel, as fontes é que garantem a credibilidade da informação veiculada, principalmente aquelas especializadas que, quando ausentes, comprometem tal informação. Os pacientes ouvidos ordinariamente são aqueles que já

terminaram o tratamento e, talvez por isso, muitas vezes o jornalismo recorre aos entes queridos, como se estes fossem "porta-vozes" dos primeiros.

Nota-se, ainda, a presença constante de informações sobre os sintomas das doenças, mesmo que isso ocorra de maneira indireta, sugestiva. Tais dados são apresentados objetivamente, algumas vezes através de elementos gráficos, como estratégia educativa; relacionando a medidas profiláticas, para que o público evite passar pelo mal abordado ou que constate a doença o quanto antes. Essa última preocupação é tão enfatizada que originou inclusive um estudo científico, que foi abordado na matéria n. 4 do JN.

Sobre as questões tratadas até aqui, sistematizamos, abaixo, nova tabela para permitir uma visualização esquematizada da incidência dos referidos aspectos.

TABELA 3: INCIDÊNCIA DOS ELEMENTOS OBSERVADOS

VT n.	Fontes			Recursos gráficos	Sugere sinais de alerta / sintomas / prevenção
	Especialistas	Pacientes	Parentes/ amigos		
1. JN	1	0	1	Uma vez	Não
2. JN	1	2	0	Uma vez	Sim
3. JN	0	0	1	Uma vez	Não
4. JN	1	1	0	Duas vezes	Sim
5. JN	1	0	0	Uma vez	Sim
6. FT	0	1	1	Três vezes	Não
7. FT	2	0	2	Três vezes	Sim
8. FT	0	1	1	Nenhum – imagem de uma radiografia	Não
9. BE	2	1	0	Nenhum	Sim

No uso dos personagens como estratégia de cobertura do câncer nos telejornais, em especial nos casos que envolvem figuras públicas, quase sempre a angulação das reportagens leva em conta o personagem que é acometido pelo câncer, e não o câncer que atinge o personagem. Essa inversão é verificada na presente análise e também já foi percebida em outro trabalho acadêmico (GOUVÊA; COUTINHO, 2012, p. 12), que observou a cobertura do tratamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva contra um tumor na laringe, pelo Jornal Nacional, no final de 2011 e início de 2012. A ideia de dramaturgia como modelo hegemônico satisfaz essa observação, justamente pela concepção de que se trata de uma estratégia de cobertura e de busca pela audiência.

Ressaltamos, ainda, a diferença de abordagem entre os conteúdos telejornalísticos, já esperada até mesmo pela distinção de seus formatos e propostas. O JN aparece como o típico telejornal diário, mais conservador, objetivo, rápido, factual e informativo; o Fantástico é uma promessa de aprofundamento maior, com mais recursos e linguagem menos formal, com evocação de detalhes omitidos pelos jornais diários; o Bem-estar, por sua vez, caracteriza-se por seu foco editorial em saúde e bem-estar, mas suas matérias se

diferem drasticamente dos VTs dos telejornais tradicionais, e os apresentadores têm uma participação mais efetiva, assim como os especialistas. Nessa perspectiva, a estrutura física do estúdio é maior, para ser mais explorada; há também objetos e outros elementos materiais que compõem a estrutura do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa primeira consideração diz respeito aos critérios de seleção que evocam a presença do câncer nos telejornais. Nas 24 matérias analisadas em primeira instância, havia duas principais razões de noticiabilidade: (1) quando a ciência anuncia uma descoberta que vai repercutir de alguma maneira na doença e (2) por ocasião do diagnóstico de uma figura pública. Embora não tenhamos analisado com profundidade as matérias sobre Hugo Chávez, sua recorrência no noticiário foi importante para o aparecimento do câncer nas coberturas jornalísticas. Nesses casos, observou-se a predominância da cobertura de política, por se tratar do mitológico presidente da Venezuela. O espaço da saúde nessas matérias muitas vezes se restringiu à citação de que o presidente estava afastado do governo em virtude de um tumor na região pélvica. Essa situação talvez também seja decorrente do próprio tratamento do governo venezuelano, que tentou manter em sigilo as informações sobre o estado de saúde do presidente. Um estudo que contemplou a cobertura do câncer vivido pelo ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (GOUVÊA, COUTINHO, 2012), percebeu-se que a personificação é uma das principais estratégias para a abordagem do câncer no telejornal. A doença por si só parece não ter relevância suficiente para aparecer no espaço telejornalístico, não obstante a sua abrangência e os sentidos sociais que estão imbricados na teia de relações do câncer com a sociedade. O caso do técnico do Barcelona ilustra bem essa noção, justamente porque a história dele, enquanto paciente reincidente do câncer e como profissional do esporte, é contemplada veementemente durante o VT, mas a doença – anunciada como “rara” – quase não é explicada pelo repórter. Para a imprensa, tem mais valor-notícia um famoso com câncer do que vários anônimos. A ciência, contudo, demonstra que tem certa importância, servindo não só como gancho noticioso, mas também como referência para as coberturas de saúde, respaldando as informações oferecidas ao público.

Tratando de forma mais específica da análise da forma e do sentido do tratamento jornalístico dedicado à cobertura do câncer, deparamo-nos com a hegemonia da exploração do modelo dramatúrgico de apresentação e de, principalmente, construção das matérias, evidenciando a aderência à chamada dramaturgia do telejornalismo. A crítica a esse parâmetro reside no fato de que, com isso, a informação sobre saúde é colocada em segundo

plano, dificultando a visão idealista de se utilizar as possibilidades da comunicação massiva como instrumentos de promoção da saúde ou de educação em saúde, da maneira como a OMS concebe. Verificamos, a partir dos índices quantitativos e da análise qualitativa, que é notório o emprego de estratégias dramáticas para a cobertura noticiosa, potencializadas pelos recursos da humanização ou personificação; da narração de eventos minuciosos das histórias dos personagens, em linguagem semelhante à da narrativa ficcional; dos elementos de edição, no uso de BG e sobe som, garantindo o tom e o clima emocionais das reportagens. Além disso, há uma noção implícita do câncer enquanto símbolo de dor, sofrimento, obstáculo; cujos pacientes curados são vistos como heróis, exemplos de superação e, ainda, a presença de um tom moralizante na abordagem das histórias. É como se o telespectador assistisse a um filme cotidiano, encenado por uma vítima sofrida, às vezes acompanhada por atores coadjuvantes (entes queridos, médicos e cientistas), um vilão em potencial (o tumor) e um observador, por vezes, participante (jornalista); numa linguagem revestida de verossimilhança, por seu teor realístico, mas contado como numa história de ficção. A entrevista com o ator Reynaldo Gianecchini tem um pouco de tudo isso – uma celebridade que superou o obstáculo do câncer, protagonizou histórias que são recontadas em livro e no telejornalismo, e contou com a ajuda de uma amiga, que também serve de fonte.

Nesse sentido, a visão de que a mídia pouco se importa com o público, explicitada, por exemplo no livro *Saúde e imprensa – o público que se dane!*, é razoavelmente percebida na amostra da qual nos valemos. A informação ideal, que serviria para a população pautar suas atitudes e ter como referência para formar sua opinião em relação à saúde, parece estar longe de ser alcançada; pelos imperativos imediatistas da rotina dos comunicadores da saúde, pela falta de especialização e carência de formação, pelas tensas relações vividas com os especialistas e, principalmente, pelo modelo predominante de se fazer jornalismo com o viés do espetáculo.

Sobre o lugar de fala dos atores sociais nessas matérias, destacamos o problema da ausência do especialista ou o do pouco tempo que é dedicado a ele; em alguns casos, esses fatores podem comprometer a credibilidade da informação, pois, ordinariamente, é fundamental o comparecimento de saberes técnicos que provavelmente não estão incluídos no domínio de conhecimento dos jornalistas. Ainda sobre as fontes, há uma questão curiosa de que os pacientes, em todos os casos, são ouvidos apenas após o tratamento; salvo a matéria do menino que queria jogar videogame com o Ronaldo, que, aparentemente, ainda está em tratamento e a fonte do quadro do BE. Essa talvez seja uma razão para o fato de que frequentemente amigos e parentes servem de fonte, talvez para ser “a voz” do protagonista.

Persiste, dessa forma, o questionamento de que os jornalistas possuem um critério ético implícito de preservar a saúde do paciente, atendendo possivelmente a um direito de privacidade, por se tratar de um caso de doença.

Uma marca da cobertura do câncer no telejornalismo está atrelada à ideia de esperança. Sim, é razoável considerar que há, aparentemente, a instituição de um discurso que quase sempre deixa um fundo esperançoso. Essa marca é percebida mais efetivamente quando da descoberta de novos procedimentos e novas pesquisas que revelem um avanço. À esperança, alia-se a concepção de positividade, de que é possível "vencer" o câncer, da mesma maneira que os personagens colocados na cena telejornalística venceram. Um caso exemplar é o da matéria do Fantástico ("*keep fighting and never give up*"), da menina que foi curada com a técnica experimental de tratamento do vírus da Aids, pois a reportagem apresenta esses traços discursivos tão intensos, que o próprio programa televisivo enfatiza em uma nota pé que o procedimento é experimental, que carece de aprimoramentos. Isso porque provavelmente já se tem uma ideia presumida de que os pacientes em situação semelhante poderão desejar se submeter ao procedimento, devido ao êxito no episódio da menina. Mas esse caso é ainda mais importante para esse trabalho, por abarcar quase todos os tópicos que avaliamos nas coberturas e também porque aparece em duas propostas distintas de se fazer telejornalismo. É notável, por exemplo, a exploração dos sentidos visuais, sonoros e emocionais na angulação do caso, sendo bem mais efetiva no Fantástico, a fim de evidenciar os significados que já elencamos.

Outro problema característico da cobertura de saúde é o da utilização corriqueira de vocábulos no texto jornalístico que podem representar um ruído para que a comunicação se estabeleça. Nos meios de comunicação de massa, é fundamental a tradução para uma linguagem mais usual do cotidiano, com termos simplistas, claros e objetivos. Essa noção aparentemente óbvia não está contemplada nesse tipo de cobertura e verifica-se, assim, uma outra dificuldade de se constituir a comunicação para a saúde.

Também com o intuito de se fazer entender, observou-se a grande presença de recursos gráficos, na quase totalidade dos VTs observados. A infografia/arte no telejornalismo representa, para nós, um elemento consolidado para a transmissão da informação, que possibilita a visualização de dados e conhecimentos numa unidade informativa completa, ao agregar imagem em movimento, específica para o objetivo didático, texto resumido e áudio explicativo.

Pouco se viu, nos enquadramentos do câncer no telejornalismo, a prática do jornalismo de denúncia contra possíveis problemas do sistema público de saúde. O único caso visualizado é o da vacinação contra o vírus HPV no Brasil, que não é valorizada pelo

governo como em outros países, de acordo com a notícia do JN. Percebe-se, ainda, que o exemplo não está diretamente ligado ao câncer, uma vez que o vírus é um dos principais causadores de tumor, mas não necessariamente. Disso, indagamos: o tratamento do câncer no serviço público está livre de dificuldades estruturais ou isso passa despercebido pela mídia?

Em suma, podemos afirmar que a relação telejornalismo-saúde ainda carece de muitos aprimoramentos, que devem ser obtidos com a experiência e com o acompanhamento científico das práticas. Essa relação ainda nova (se levarmos em conta todos os anos já acumulados pela prática social do jornalismo), mas emergente e imprescindível para o desenvolvimento humano, também precisa ser analisada tendo como base outras perspectivas e abordagens, com outros enquadramentos e angulações, que busquem dar conta das diversas questões envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTORIELO, Simone. As representações de saúde e doença na Televisão Brasileira - um estudo sobre o que pensam os profissionais da TV Cultura de São Paulo no final do século XX. In: CELACOM, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Umesp, 2008.

CARVALHO, Vanderli Duarte de. **Nó no peito** – ressignificação da linguagem na relação multiprofissional da saúde. São Paulo: Desatino, 2012.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro**: a estrutura narrativa das notícias em televisão. Tese de Doutorado. Umesp, 2003.

EPSTEIN, Isaac. Comunicação e saúde. In: **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 35, p. 159-186, 1º sem. 2001.

INCA, **Mitos e verdades sobre o câncer** (Dia Mundial do Câncer). Disponível em <http://www1.inca.gov.br/wcm/dmdc/2013/objetivos-indicadores.asp> Acesso em 17 mar. 2013.

KUSCINSKY, Bernardo. **Jornalismo e saúde na era neoliberal**. In: Saúde *e sociedade*, 2002, pp. 95-103. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v11n1/10.pdf (Acesso em 26/04/2012)

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda:** jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MORAES, Nilson A. Comunicação e saúde: entre sentidos, interesses e estratégias. **ECO-PÓS** – publicação da pós-graduação em comunicação e cultura, v. 10, n. 01, p. 64-78, jan.-jun. 2007.

RUGE, Mari Holmboe; GALTUNG, Johan.A estrutura do noticiário estrangeiro – a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros.In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico.In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Veja, 1993.

WHO CONSTITUTION, Nova York, 1946. Disponível em <http://apps.who.int/gb/bd/PDF/bd47/EN/constitution-en.pdf> Acesso em 17 mar. 2013.